

Stadium



**SPORTING -
-SANJOANENSE**
Uma atitude firme de ataque
e defesa. Barrosa, desta vez,
levou a melhor

N.º 124

19 DE MARÇO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

A dobadoira vai girar em sentido contrário

PORTUGAL-FRANÇA à vista

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

Terminou a 1.ª Volta do Campeonato Nacional de futebol que sofrerá no próximo domingo uma pausa, com a efectivação do Portugal-França no Estádio de Colombes, em Paris.

É a primeira vez, esta época, que o *team* nacional se desloca ao estrangeiro, e depois do empate contra a Suíça, no dia tempestuoso e impossível de 6 de Janeiro, e do triunfo inolvidável contra a Espanha, esta *saida* reveste-se de excepção importância. Pode dizer-se que todos os adeptos da bola têm os olhos postos na partida de Colombes, e ninguém esconde a esperança num bom resultado. Certamente, as manifestações do futebol internacional desviam a atenção das Provas nacionais, mas por outro lado apresentam incontestáveis vantagens, constituindo a verdadeira pedra de toque do real valor de uma nação. Nem todos os proveitos cabem no mesmo saco.

Quase que indiferentes a tudo que se passa ao nosso redor — só temos olhos para a Selecção. Esta tem trabalhado a sério, e com todos os cuidados que a tarefa requer. Com a estrutura do *team* encontrada, emfim, no Portugal-Espanha, a preparação seguiu um plano prévia e decididamente traçado. Há cerca de mês e meio que o Grupo treina em conjunto, dando-lhe consistência e profundidade. Podemos dizer, sem faltar à verdade, que nunca, como agora, o onze esteve tão próximo de atingir a perfeita ligação que caracteriza um todo de clube. Quer isto dizer que vamos vencer? — Devemos substituir a pergunta pela afirmação de que fizemos todo o possível para isso.

Na última quinzena, o *team* foi concentrado em estágio num hotel de Lisboa, havendo treinado três e quatro vezes por semana num desafio-treino e em sessões de conjunto. Desde cuidados ginásticos aos de ordem técnica, nada foi descuidado.

Compreende-se, de resto, que assim tivéssemos procedido. O nosso adversário é de categoria; proventura o país que, nos últimos tempos, mais progressos tem feito. Ainda há pouco tempo, ao passarmos por Londres, verificámos o elevado conceito que o futebol francês ali deixou, com a sua luta contra a Inglaterra e nos resultados que os grupos ingleses fizeram em França. Quer dizer, na hipótese de uma vitória ou de um *score* nivelado, ascenderemos a uma posição de relevo no quadro internacional. Julgamos poder afirmar que os portugueses, na posse de sólida moral, se excederão na defesa do prestígio do país.

Gastão Barreau, o selecciona-

dor francês, não esconde as suas apreensões. E ainda que seja de boa tática valorizar o inimigo (a melhor forma de nos valorizarmos a nós próprios!), é evidente que as suas declarações públicas traduzem um estado de espírito que está longe de ser o da vitória pela certa.

O grupo faz a viagem, de avião, acompanhado pelos directores federativos, eng. Mascarenhas de Meneses e dr. António José de Melo, por Augusto Silva, Manuel Marques e Carlos Canuto, que actuará como juiz de linha, e ainda por nós, na nossa qualidade oficial. Como representante da Direcção Geral, já se encontra na capital da França o Sr. António Cardoso, inspector dos Desportos. A partida de Colombes será presenciada por muitos portugueses, que, em automóvel ou de avião, fazem a viagem.

Não havendo substituições, pois só o guarda-redes pode ser trocado, resolvemos deslocar dezasseis elementos: Azevedo e Capela; Cardoso, Vasco e Feliciano; Amaro, Moreira, Francisco Ferreira e Serafim; Jesus Correia, Araújo, Peyroteo, Travassos, Caiado, Rogério e Bentes. Acrescentaremos que, neste momento, o único ponto de dúvida no que diz respeito ao alinhamento reside na linha média, que tanto poderá ser formada pelo trio Amaro-Moreira-Ferreira como por Amaro-Ferreira-Serafim. O desfecho da partida dependerá fundamentalmente da maneira como se comportar a defesa já que o ataque revela entendimento, poder de perfuração e invulgar facultade de remate.

Após o Portugal-França, recomençará a faina do Campeonato Nacional, não se perdendo de vista as exigências dos encontros internacionais, um contra a Irlanda, em Dublin, e outro contra a Inglaterra, em Lisboa.

A 13.ª jornada forneceu os seguintes resultados:

| | | | | |
|---------------|---|---|----------------|---|
| Boavista.... | 1 | — | Benfica..... | 3 |
| Vitória S.... | 2 | — | Estoril..... | 1 |
| Académica.. | 2 | — | Olhanense.. | 3 |
| Sporting.... | 4 | — | Sanjoanense | 0 |
| Atlético..... | 1 | — | Porto..... | 3 |
| Belenenses.. | 8 | — | Famalicão... 0 | |
| Elvas..... | 2 | — | Vitória G.... | 2 |

Com a excepção do encontro das Salésias, a jornada número 13, não trazendo à Prova grandes surpresas, deu-nos desafios equilibrados e renhidos, jogando-se a sério até o último sinal do árbitro.

As deslocações são sempre difíceis, mas o Benfica conseguiu arrancar contra o Boavista os pontos da tabela, lutando com tenacidade pelo resultado. O Boavista não foi um inimigo fácil e jogou de igual para igual durante muito tempo. Faltou-lhe remate, e sem se marcarem bolas não se ganharam desafios. Na primeira parte, o desafio repartiu-se em perguntas e respostas. A defesa do Benfica trabalhou a fundo para dominar um ataque rápido e vivo. No decair da partida, talvez com o fôlego esgotado, os boavistas não se comportaram tão bem, dando azo à subida dos benfiquenses. Estes aproveitaram vários golpes para vencer, e a insistência dos médios obrigou os avançados a fazerem *goals*.

Na sua deslocação a Setúbal, o Estoril não conseguiu o triunfo. Já por várias vezes temos dito que as grandes equipas se afirmam quando se encontram no terreno do adversário. Teria o Estoril desmerecido do conceito em que o *team* é hoje tido? — Não nos parece. Os lisboetas da Costa do Sol não ganharam, mas luziram um jogo fino, de conjunto, com princípio e meio, e ao qual faltou apenas *fim*... Os do Estoril fizeram

quase tudo bem feito até à zona do remate, mas aí perderam-se numa atrapalhão inútil e ineficaz.

Pelo seu lado, os setubalenses mostraram singular força de vontade. Com ânimo, bravura e rapidez demoliram o jogo organizado do Estoril. E ao aperecerem-se da ineficácia do esforço inimigo, cresceram em termos de acabar, jogando melhor, uma partida em que nem sempre se comportaram de modo superior.

Ha coisas curiosas em futebol. Está neste caso o triunfo algarvio, em Coimbra, conseguido por um Olhanense falho de titulares. Tal sucede algumas vezes: os *suplentes* bateram-se com um entusiasmo superior, e conseguiram resultados que os *titulares* não seriam capazes.

O jogo transformou-se numa partida um tanto ou quanto aborrecida. A Académica atacou mais, mas não soube tirar proveito das situações. Fez um esforço supremo, introduzindo uma alteração no xadrez, mas nada resultou de isso. De parte a parte viram-se poucos lances de conjunto, com toda a equipa interessada no jogo. Pelo contrário, praticou-se uma espécie de futebol confuso, sem a precisão que dá a *passagem* rente ao solo.

O *leader* não perdeu, mas não conseguiu dar grande sensação de jogo. O caso não deve estranhar-se, embora tenha enervado um pouco aqueles que desejam ver, sempre, um Sporting muito forte. Por motivos que nos parece escusado apontar, o desafio valia para os *leões* pelos pontos da classificação, mas tinha o ar de treino. Quer dizer, não houve animação nem velocidade. E os sportingistas puseram em prática um futebol lento, repousado, sem atractivos.

Isso, e melhoria de *forma* evidente, permitiram que a Sanjoanense fizesse um jogo claro, com certa graça e destreza, obrigando os homens da defesa contrária a vigília permanente. A atenção destas unidades não deixou perfurar o quadro, e os lisboetas ganharam — sem pressas, e no fim e ao cabo sem grandes preocupações.

O Porto bateu o Atlético, e, caso curioso, não tendo jogado mais do que o adversário, o seu triunfo aparece com uma luz forte. O Atlético atingiu muitas vezes a área do perigo, mas poucas vezes deu a sensação de que iria bater o guarda-redes adversário. Nos lances em frente das redes, é preciso saber aproveitar os momentos de liberdade e os jogadores não devem tentar aquilo que um companheiro, melhor colocado, pode fazer com relativa facilidade. Essa virtude não existiu no Atlético, mas teve-a o Porto. Consequência: um triunfo esplêndido, que consolida uma posição!

Os *teams*, quando querem renovar-se, escolhem os desafios em que *nada arriscam* para experiências. Assim procedeu o Belenenses nas Salésias. O Famalicão apresentou-se em Lisboa disposto a lutar, e enquanto não lhe faltou a força muscular exibiu-se com agrado, revelando regulares conhecimentos da arte de jogar. Depois deu-se o inevitável. Os *azuis* carregaram a fundo, e os visitantes, desnorreados, não puderam acompanhar o ritmo da



CHAPELARIA E CAMISARIA

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 10-C.
TELEFONE 43482 — LISBOA

Tavares da Silva

e o Portugal-França

Tavares da Silva, nosso chefe da Redacção e seleccionador nacional de futebol, segue amanhã, de avião, juntamente com a equipa portuguesa de futebol, para Paris, onde se disputará no domingo próximo o 8.º Portugal-França de futebol.

«Stadium» publicará, além das impressões do seleccionador nacional, uma reportagem gráfica do grande encontro, muito completa, não se poupando, portanto, a todos os sacrifícios para bem servir os seus leitores. Atenção à reportagem do Portugal-França da «Stadium».

partida. Tudo está certo, portanto.

O Belenenses pode tirar várias conclusões das experiências levadas a cabo: umas satisfatórias, outras menos, mas o conjunto das indicações não é para deitar fora. Deve-se também pôr em relevo a preocupação dos belenenses que querem refazer o team com a prala da casa. A movimentação global da equipa não esteve má, posto que o adversário tivesse facilitado o jogo de certa altura em diante.

O desafio de Elvas não deixou saudades. Naquele Estádio já se têm disputado belos pleitos, e uns momentos do primeiro tempo chegaram a dar a impressão de bom futebol. Os ataques impetuosos dos elvens encontravam uma defesa de Guimarães atenta e segura, e capaz de provocar a contra-ofensiva. A lâmina esteve várias vezes suspensa na cabeça do visitante, mas este livrou-se sempre dos golpes. Depois, a partida endureceu, e, como consequência, o futebol baixou de tom. E a clareza foi substituída pela confusão e enervamento.

A Tabela figura-se do seguinte modo ao fim da 1.ª Volta (treze jornadas):

Sporting 24 pontos, 12 vitórias e 1 derrota, 64 bolas contra 24; Benfica 18, 9 vitórias e 4 derrotas, 44-32; Porto 17, 8 vitórias 1 empate e 4 derrotas, 42-23; Belenenses 17, 8 vitórias 1 empate e 4 derrotas, 33-16; Vitória de Setúbal 14, 6 vitórias 2 empates e 5 derrotas, 27-19; Olhanense 14, 7 vitórias e 6 derrotas, 32-39; Estoril 14, 7 vitórias e 6 derrotas, 53-29; Atlético 13, 6 vitórias 1 empate e 6 derrotas, 24-31; Académica 12, 6 vitórias 2 empates e 5 derrotas, 27-42; Vitória de Guimarães 11, 4 vitórias 3 empates e 6 derrotas, 22-29; Boavista 10, 4 vitórias 2 empates e 7 derrotas, 25-34; Elvas 9, 4 vitórias 1 empate e 8 derrotas, 35-45; Famalicão 8, 3 vitórias 2 empates e 8 derrotas, 30-53; Sanjoanense 1 ponto, 1 empate e 12 derrotas, 10 bolas contra 57.

As forças lisboetas, que estavam agrupadas, separaram-se. Sporting e Benfica nos lugares de mando; Belenenses em 4.º; Estoril e Atlético, respectivamente em 7.º e 8.º lugares. A posição do Sporting é de causar inveja, e mesmo apreensões de ordem económica. Em 13 jornadas podem suceder coisas maquiavélicas, mas

30-0! Não se tratará de mais um erro de informação? Os jornais, de vez em quando, contribuem para isso. E, sem o querermos, evidentemente, somos também colhidos na rede. Assim aconteceu na última semana com o Sporting de Braga, que apareceu derrotado nos grandes órgãos da Imprensa por 5-1, contra o Gil Vicente, — quando foi precisamente ao contrário...

Logo, estes 30 0 do Leixões-Parades, só por gralha ou... brincadeira!

Merecem comentários algumas vitórias desta jornada. O Sporting bracarense colocou-se bem, o melhor possível, visto que venceu o Académico, do Porto, cuja carreira estava sendo agradável. Agora, naquela série, os minhotos são os condutores da classificação.

O Flávia foi a Lamego vencer por 1-0, e isso constituiu proeza. O mesmo louvor para o Monção, que venceu o Ramaldense no Porto; para o Fafe, triunfante em Oliveira do Douro; para o Arintos, que venceu o Salgueiros no seu próprio campo! E esta? O Gil Vicente também ganhou ao Ermeziense em casa, como o Aves contra o Gaia, o Ateneu de Reguengos contra o Piense e a Cuf do Barreiro, em Beja.

Os resultados mais expressivos da jornada foram obtidos por

CAMPEONATO DA 2.ª DIVISÃO

30-0!

É concerteza o primeiro «máximo» português em jogos oficiais

equipas bem classificadas: Leixões, Vila Real, Beira Mar, Oliveirense, União de Coimbra, Oriental, Barreirense... O Marialvas perdeu por 9-0, em Lamas, mas deve descontar-se a sua inexperiência.

Eis os resultados gerais:

Grupo A — 1.ª série: — Flaviense-Celorigense, 0 0; Vila Real-Mirandela, 10-2; Sp. Lamego-Flávia, 0-1.

2.ª série: — Leça-Vianense, 2-0; Ramaldense-Monção, 0 3; Leixões-União Paredes, 30 0.

3.ª série: — Salgueiros-Arintos, 0-2; Oliveira do Douro-Sp. Fafe, 0-2; Gaia-Desp. Aves, 2-4.

4.ª série: — Infesta-Candal, 0-2; Ermeziense-Gil Vicente, 1-5; Sporting de Braga-Académico, 6-3.

Grupo B — 5.ª série: — Beira Mar-S. L. Viseu, 8-0; Ovarense-Sp. Espinho, 1-0; Académico Viseu-Comimbricense, 4-3.

6.ª série: — Oliveirense-Anadia, 8-0; União Lamas-Marialvas, 9-0; União de Coimbra-Associação Naval 1.º de Maio, 6-1.

7.ª série: — Leões de Santarém-Marinhense, 3-1; Ginásio Alcobaca-União Operária, 3-1; Oriental-Ferrovíarios, 6-1.

8.ª série: — Bombarralense-Sacavenense, 3-1; Operário V. Alhandra, 2-0; Matrena-Nazarenos, 5-0.

Grupo C — 9.ª série: — Torriense-Água V. F., 5-1; Peniche-Rossienne, 1-1.

10.ª série: — Seixal-Futebol Benfica, 4-2; Amora-Operário, 4-2.

11.ª série: — União Sesimbra-Almada, 2-2; Ginásio do Sul-Arroios, 2-1.

12.ª série: — Aldegalense-União Montemor, 6 0; Barreirense-Palmense, 10-0; Lusó Barreiro-Lusitano Évora (*).

Grupo D — 13.ª série: — Covilhenses-S. L. Cast. Branco, 4-0.

14.ª série: — Juventude-Campomaiorense, 4-2.

15.ª série: — Lusó Beja-Cuf Barreiro, 2-4; Piense-Ateneu Reguengos, 1-4.

16.ª série: — Lusitano-V. R. — Desp. de Faro, 7-2.

(*) Adiado.

Juniores da A. F. L.

O Campeonato de Juniores da A. F. L. entrou, finalmente, na fase de maior interesse. Feita a primeira selecção de valores, pode, agora, dizer-se que todos os encontros oferecem motivos de agrado, não só pela incerteza do resultado, como também pela ideia de que os encontros possam valer mais tecnicamente.

A primeira jornada da segunda fase do torneio confirmou, de resto, esta impressão. Os quatro encontros do último domingo provocaram, de maneira geral, grande expectativa e atraíram numeroso público, que se repartiu pelos campos do Lumiar-A, Palma, Tapadinha e Marvila, consoante as simpatias pelos clubes que ali se exibiam.

Na 1.ª série — aquela em que o apuramento do vencedor se apresenta mais complicado — registou-se a surpresa do empate imposto pelo grupo da C. U. F. ao Sporting. Isto não quer dizer que o desenrolar da competição tenha contrariado previsões, pois, na realidade, os «leões» dominaram o bastante para ganharem por

tudo indica que a lebre já esteja corrida.

O Porto continua em posição de relevo. Justamente, sem dúvida. Setúbal e Olhão afirmam-se duas potências futebolísticas (vide sua posição na Tabela). Todos os concorrentes esperam, quando a dobradoira girar em sentido contrário, fazer melhor figura. Em geral, porém, todos contam com o que podem fazer ainda, esquecendo-se das possibilidades do adversário. E um desafio compõe-se de dois elementos, cada um de seu lado.

margem folgada de tentos. Simplesmente os avançados não se lembraram do papel que lhes estava reservado, nem mesmo em face de muito forçados a jogar ao ataque pelos seus médios.

O Benfica venceu em dois campos... No de Palma, com o benefício do empate entre «cufistas» e «leões». No do Lumiar-A, mostrando-se equipa mais afinada do que a do novel Oriental — bom adversário, mais pelo entusiasmo com que actuou do que pela qualidade do futebol praticado. O resultado (3-2) deve considerar-se certo. E, assim, ficaram os «encarnados» comandantes da classificação da 1.ª série.

Os Belenenses chamaram a si o melhor resultado da jornada. Isto não constituiu surpresa. Já se esperava que fosse este o desafio mais desnívelado da jornada.

Os «azuis» tiveram mais dificuldade em fazer 1-0 do que em atingir 8 0. Quer isto dizer que os cascaeses resistiram bem até o momento de serem as suas redes tocadas. Depois... «falou» a eficiência dos avançados belenenses — um quinteto que deixou excelente impressão, relegando para segundo plano uma defesa que não é má.

A vitória do Atlético sobre o Palmense não surpreende. Espanta sim a diferença de quatro tentos (5-1) obtida pelos alcantarenses. Foi punição demasiado severa e só possível pela desorientação de que os palmenses deram mostras quando a derrota se anunciou... Acrescente-se que o começo do desafio deixava até prever um desfecho ao contrário.

Diamantino Dias

Situação

a ponderar

Na crónica que o nosso redactor principal escreveu para o colega «Diário de Lisboa» acerca do jogo que o Sporting foi disputar a Olhão, transpareciam claramente os reflexos de um procedimento censurável que, infelizmente, tende a divulgar-se entre os jogadores de futebol cujas equipas não provam classe suficiente para vencer, em casa, os mais fortes adversários.

No dia seguinte um dirigente de um dos principais clubes da capital queixava-se do mesmo mal, cujas proporções de alarmante generalização haviam motivado o pedido de interfeirência da Associação de Lisboa junto da Federação, para que fosse por este organismo ponderada a forma como eram tratados os grupos de Lisboa nos campos da provincia aonde os levam os azares do campeonato nacional.

Vão-se perdendo, por brandura dos rigores disciplinares, os benefícios alcançados neste capítulo. Não deve permitir-se que os jogadores de melhor categoria, aqueles que, pelo seu talento, são o esteio mais forte do seu grupo, ou pelos seus rasgos geniais conseguem decidir uma contenda, passem a ser alvo de propostas e mal disfarçadas agressões dos adversários que procuram, inutilizando-os, inutilizar também os legítimos triunfos de quem não conseguem desbaratar com jogo limpo e manobras lícitas.

Ilá, aqui, uma situação a ponderar e a destruir implacavelmente.

O ÓQUEL em campo precisa de expansão diz-nos Rodolfo

O óquel em campo não é desporto que beneficie do interesse público. A modalidade vive, é certo, tem os seus praticantes — e os seus entusiastas — mas é entre nós um desporto com actividade modesta. Já teve no entanto períodos de maior desenvolvimento — os campeonatos animados por maior número de grupos — e até estiveram em actividade grupos femininos.

O óquel porém mantém-se e os seus praticantes vão ajudando um desporto que a Inglaterra ensalou há cerca de 60 anos, onde ainda goza de grande interesse, e os seus jogos e campeonatos são animadíssimos, valorizados pelo entusiasmo que lhe dão os alunos dos colégios e universidades da Grã-Bretanha onde largamente se pratica.

Em Portugal apareceu por intermédio do Óquel Clube de Portugal, em 1923. E é ainda este clube que melhor atenção lhe dedica, alimentando o fogo sagrado e tornando-se credor do bom elogio pela sua força de vontade e dedicação à modalidade desportiva que no nosso país necessita do entusiasmo desinteressado dos seus praticantes para que se mantenha em acção. Nesse interesse pelo óquel têm sido bem ajudados, especialmente pelo Benfica, pelo Futebol Benfica e o Atlético também, já do tempo do Carcavelinhos. O Belenenses também comparece, oferecendo boa colaboração neste desejo de se conseguir maior actividade, mais jogos, mais grupos, maior interesse pelo óquel em campo.

— Na modalidade — em jogo — estão elementos que há muitos anos dão ao óquel preciosa colaboração. A esse seu interesse deve-se em grande parte a vida de que ainda disfruta a modalidade

— disse-nos Rodolfo Serpa — que já conta 15 anos de «serviços» — e com quem trocámos ligeiras impressões acerca do seu desporto.

— Por isso no óquel há jogadores que vão a caminho dos 40 anos, como o José Eugénio, o Américo, o Mário Goulão e o Perna. E o grupo dos mais antigos é grande, Rombert, Campos, Garcia, Trindade, Carrapito, Ludgero e Leonel Costa que, tendo abandonado, novamente voltou a colaborar nesta nossa campanha em favor do óquel em campo, no que somos bem coadjuvados por Paulo Martins e Pedro Silva, incansáveis na direcção da Associação de Lisboa de Óquel em Campo e Alexandre Samagalo, no Porto.

— O nível técnico da modalidade? — Não é mau, mas é necessário fazer-se uma revisão nas regras deste jogo. Há uma serie de pormenores que já não estão actualizados com o desenvolvimento da técnica, no estrangeiro.

Um outro assunto que merece estudo: as arbitragens. No óquel, como em qualquer modalidade desportiva, é necessário que o árbitro seja um bom conhecedor do jogo, das suas regras e suas leis. É certo que dispomos de elementos que sabem arbitrar de saídas de óquel, mas é frequente vermos os nossos encontros dirigidos por pessoas não oficializadas nesse encargo, pelo facto dos indicados não aparecerem. E nós, que com a melhor boa vontade nos deslocamos ao campo e que não queremos perder o ensejo de



Rodolfo Serpa

temo. E Rodolfo Serpa diz-nos de pois:

— Própriamente em jogo temos elementos capazes. Claro que so-



Óquel Clube de Portugal

dar umas sticketas, escolhemos este ou aquele para arbitrar. Este inconveniente desaparecerá logo que se consiga organizar o Colégio de Árbitros. Pensamos nesta iniciativa e cremos que a irá a bom

mos poucos grupos e, à parte os jogos Benfica-Futebol Benfica e Atlético-Belenenses, os outros encontros revestem-se de interesse relativo.

Os jogadores macaístas que vieram para Lisboa trouxeram consigo um pouco de animação e refrescaram os grupos em que ingressaram.

— Que consta de especial da actividade do óquel este ano?

Disputa-se o Campeonato e a «Taça de Portugal» e teremos a visita do grupo francês, de Alger, um bom team, formado por estudantes de medicina e engenharia.

Uma iniciativa agradável e muito útil para o óquel: o Sporting, o Estoril e o Oriental vão apresentar grupos de júniores de óquel em campo.

Rodolfo Serpa termina as suas impressões:

— Ainda espero ver o óquel em campo rodeado de maior interesse. No Porto há mais entusiasmo por esta modalidade. Nós, cá pelo Sul, abrandámos — sem razão.

Ainda houve o Internacional — um bom team, com os seus estrangeiros. E em Setúbal, o Vitória, que chegou a ter uma equipa recheada de bons valores. Também no Barreiro, o Luso, se interessou pela modalidade. Depois abandonaram este desporto. E foi pena. Os óquelistas setubalenses e barreirenses revelaram sempre grandes qualidades.

De facto a modalidade bem merece melhor atenção por parte dos clubes. E porque não é assim?

Se todos os nossos clubes criassem a secção, se todos entre si animarem este desporto, é razão para vermos o óquel em campo sigar melhor na sua actividade.

A constituição de grupos de juniores no Sporting, Estoril e Oriental é uma iniciativa que deve dar a este desporto uma boa parcela de maior animação e desenvolvimento — um exemplo a seguir para bem do óquel em campo.

Fernando Sá



Clube da Futebol Benfica



Sport Lisboa e Benfica



Atlético Clube de Portugal



Clube de Futebol Os Belenenses



Azvedo sabe como se pára uma bola. E os colegas confiam nêis...

○ SPORTING jogou sem preocupações



A bola está nas redes! O sanjoanense Barbosa não tem mais nada a fazer.



O Sporting procede ao atrelamento do seu campo. Ao acto simbólico compareceram dirigentes e associados, produzindo-se a manifestação que reproduzimos nestas duas fotografias.



Embora apertado por Albano, Barbosa defende com oportunidade e segurança.

ACTIVIDADES DA F. N. A. T.

A F. N. A. T. promoveu o campeonato regional de ciclismo, 56 quilómetros, de que saiu vencedor Tavares da Silva, dos C. T. T., em 1.^ª categoria. A corrida compreendia também a eleição dos vencedores em 2.^ª e 3.^ª categoria, e algumas revelações apareceram. A F. N. A. T. deve estar satisfeita com a sua organização. *Dois aspectos:* — os corredores alinhados e uma passagem, à partida, perto do Dairro da Encarnação.



A visita de Feio e Campas

não deixou mal colocado o ténis de mesa nacional

Matthews exibiu-se mais uma vez

LONDRES, Março de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

Estivemos em Londres com os dois excelentes rapazes que aqui vieram jogar ténis de mesa; Carlos Feio e Campas. O torneio em que intervieram reuniu cerca de 300 concorrentes, e por aqui pode ver-se que a tarefa dos nossos compatriotas não seria nada fácil.

O ténis de mesa leve, por assim dizer, várias manifestações de ordem técnica. Uns jogadores — mais duros, e esses foram quase sempre os portugueses; outros — mais estilistas, e esses foram quase sempre os ingleses.

Ora, a despeito de algumas derrotas, os nossos representantes puderam deixar boa impressão em Londres. Neste campeonato Internacional, os portugueses também ganharam. O campeão do Egipto, Abouheif, a despeito da sua boa categoria, perdeu com Campas, e para derrotar Carlos Feio foi preciso recorrer a jogos-desempate.

Wallorf, forte campeão de Birmingham, veio a vencer Campas em 3 jogos, por 18-16-20, mas em pares Feio e Campas derrotaram os ingleses Bucknell e Hipkins, de Bristol, e Lipton e Rigfield, de Londres, por 3-0 e 3-1, respectivamente.

Mais detalhadamente, em futura crónica, conteremos outras impressões. Convivemos um pouco com os nossos rapazes, e por isso julgamos oportuno apreciar o seu trabalho nesta capital. Para já, diga-se que ao ténis de mesa nacional não foi má esta saída. Os dois portugueses colheram ensinamentos e com certeza repererem que o ténis de mesa também se jogo de muitas maneiras...

Bem dizíamos que Matthews...

...era um jogador excepcional. O extremo direito do Stock City, o famoso «Sten», não tem rivais ainda que lhos «inventem». Quando é preciso demonstrá-lo, Matthews calça as botes com decisão e exhibe-se com invulgar virtuosismo. Ninguém o segura...

Foi o que agora aconteceu no logo Inglaterra-Escócia. O grande extremo-direito fez abrir a boca a toda a gente que assistiu, e mesmo quantos lhe conhecem magistrais exhibições gritaram o seu entusiasmo. Glasgow, onde jogará a equipa de Grã-Bretanha-Resto do Continente, só teve olhos para Matthews, e nem sequer teve tempo para lamentar a ausência do célebre Lawton.

A equipa de Inglaterra, na sua digressão habitual, costume ter muitas dificuldades contra a Escócia, em Glasgow. Neste encontro quis experimentar Westcott, o grande remetedor do Wolves, comandante da classificação, mas as opiniões são divergentes. Westcott ou Tomy Lawton?

O avançado-centro do Chelsea tem público fidelíssimo, como o

tem Matthews, que não se perturbou quando apresentaram Finney como futuro grande extremo-direito das seleções britânicas. E Westcott, ainda por cima, falou estrondosamente, tendo por cenário 80.000 pessoas e um campo bem tratado.

Sentimo-nos satisfeitos por defender Matthews quando algumas críticas «brincavam» com o seu valor. Mas só visto a distância poderia suceder assim. «Sten» nunca deixou de preocupar os técnicos, mesmo quando alguns ariões o afastavam. Hoje, o Stock já não pensa muito em o libertar. A oferta tentadora dos londrinos começa a ser ponderada — mas não deve ser aceita...

Matthews — é Matthews!

Futebol ao domingo!

Os ingleses são tradicionalistas, como já se sabe. O futebol ao sábado era entretenimento obrigatório. Mas — as entidades oficiais procuram efectuar agora os jogos ao domingo. A imprensa e o público reagem, discutem a decisão, mas não vê-se por agora bem claro. Futebol ao domingo? Estamos em acreditar que sim. O sábado ficará para outras provas e para os passeios e descensos...

F. M.

Mau prenúncio...

Ao contrário de que seria para desejar, o Campeonato Nacional teve, logo no seu princípio, um contra-tempo lamentável e, talvez, escusado, que, além de entrar a marcha normal da prova, ainda deu origem à eliminação de uma das «equipas» concorrentes.

Não conhecemos em pormenor a história do incidente, mas parece-nos que houve muita precipitação e pouca condescendência da parte de todas as entidades que nele intervieram...

A pena de eliminação, imposta ao F. C. do Porto, por não ter comparecido ao jogo que lhe competia disputar com o Belezenses, em Lisboa, pode acarretar desagradáveis consequências, que, infelizmente, afectarão, sobretudo, o bom nome do basquetebol nacional.

E — é forçoso confessá-lo — a modalidade, embora caminhando com segurança, no ramo ascendente da sua vida, não pode rejeitar, sem fortes motivos, a colaboração e o esforço de elementos que, afinal, estão na origem dos seus êxitos e da sua popularidade.

Creemos que ainda não é tarde para arripiar caminho e, como deve haver possibilidade de conseguir uma plataforma que a todos satisfaça, certamente que não irá mais longe a rigorosa penalidade aplicada ao F. C. do Porto.

A confirmar-se o afastamento do clube portuense, a competição

perderá um dos seus maiores animadores, o que, na verdade, é pena...

Em virtude deste incidente, não se realizou o jogo Porto-Olivais, marcado para o último sábado, ficando a jornada reduzida aos encontros Atlético-Vasco e Belezenses-Benfica. Destes, apenas poderemos comentar o primeiro, visto que dificuldades de paginação nos inibem de relatar o segundo — disputado na noite de antontem.

A luta entre «alcantarenses» e «vascainos» levou ao campo da Boavista uma considerável assistência, que teve ensejo de assistir a uma partida bem disputada e quase sempre emocionante. O Vasco, mostrando melhor conjunto, venceu dificilmente por 46-36, porque o Atlético nunca se entregou e, por várias vezes, esteve mesmo a curta distância do seu adversário. A falta de sorte e a imprecisão de remate maniveram, porém, a equipa em inferioridade, de princípio a fim. Os jogadores portuenses, que não pareceram capazes de aguentar, no final, o andamento vivo do primeiro tempo, constituem um «cinco» de valor e com justificadas aspirações neste campeonato.

Boseado em erros de arbitragem, o Atlético protestou o jogo.

Monteiro Poças

CICLISMO

A ABERTURA DA ÉPOCA

Vinte e quatro concorrentes em cinco categorias

Começou a época de ciclismo. Começou mal. Porque se é certo que se fizeram algumas melhores marcas, não é menos certo, infelizmente, que tal não sucedeu por ter havido luta. Não foram as condições do terreno que para isso contribuíram. O dia de chuva de 1946 teve no domingo como contraste uma excelente temperatura para a prática do ciclismo.

Era difícil, de resto, que se verificasse luta. Nas cinco categorias inscreveram-se vinte e seis ciclistas e só compareceram vinte e quatro. O mais grave é que, em independentes, as inscrições limitaram-se a duas: João Lourenço e Custódio dos Reis, ambos do Sporting...

Desinteressados a Iluminante e o Lisgás, impossibilitado o Benfca de formar equipa, indicio o Sangalhos — a situação apresentava-se «feia» e perigosa. Porque, a continuar-se assim, o ciclismo fica... condenado à morte!

Pertence aos clubes, e só a eles em princípio, resolverem o problema. Um entendimento, por todos desejado, pode evitar o mal que

se avizinha: o estiolamento de um desporto de ricas tradições no país. Tradições que vêm do tempo de Pessoa, Dionísio, Sebastião Herédia, à época fulgurante do duelo Nicolau-Trindade, à da revelação do «Faisca», à da rivalidade Norte-Sul devida ao valor de um Fernando Moreira...

No domingo vimos, na estrada, alguns independentes: Rebelo, Martins, Túlio, Eduardo Lopes, Rocha, Mourão, José Ferreira, Império dos Santos... Se alguns deles pretendem escolher clubes, facilite-se-lhes isso. Atenda-se a que os independentes são quase profissionais. Observe-se que os clubes que recebem esses ciclistas não se aproveitam do trabalho dos que os largam, pois esses também os foram buscar a outros...

Uma coisa se torna necessária: salvar o ciclismo. Salvemo-lo enquanto é tempo. Depois — pode ser tarde. Falo sem preocupações clubistas, como é fácil demonstrar. Falo porque dei ao ciclismo oito anos de trabalho consecutivo e custa-me vê-lo na situação em que está.

Veja-se o caso dos independentes. Pode interessar ao Sporting disputar provas sem competidores?

João Lourenço venceu, nos últimos quilómetros. Pareceu-nos em boa forma, tal como Custódio. Mais uma razão para lamentarmos que não tivesse havido luta clubista. Os tempos de ambos bateram o de 1946. Duas razões: a prova foi contra-relógio e o dia esteve magnífico.

Nos seniores não houve revelações: Serafim Paulo, Palmeira, Rola, Rafael são nomes conhecidos. Nos juniores, Duarte Patrício, do Campo de Ourique, parece rapaz para ir longe. As suas condições físicas são excelentes.

Outro rapaz do C. A. C. O. venceu em iniciados: Manuel Agostinho. Estará aqui uma revelação? Esperemos.

A título de comparação eis os tempos de 1946 e 1947:

Independentes — 1946: 1 h. 46 m. 30 s.; 1947: 1 h. 42 m. 16 s.

Juniores — 1946: 1 h. 48 m. 40 s.; 1947: 1 h. 50 m. 10 s.

Seniores — 1946: 1 h. 50 m. 45 s.; 1947: 1 h. 50 m. 59 s.

Iniciados — 1946: 1 h. 57 m. 1947: 1 h. 53 m. 46 s.

Em veteranos, pelo motivo já exposto, é impossível a comparação.

E cá ficamos à espera de melhores dias do nosso «doente» ciclismo.

Manuel Mota

Grã Bretanha - Resto da Europa

o maior acontecimento do futebol mundial

Azevedo e Rogério indicados para a selecção continental



Azevedo, o guarda-redes internacional, reconhecido como um dos maiores valores do futebol português

O campo de Hampden Park, em Glasgow, na Escócia, como os campos de Wembley e Highbury, ambos de Londres, são quase tão familiares aos nossos desportistas como as Salésias, a Tapadinha, o Lumiar, o Campo Grande — ou o Estádio Nacional...

Qualquer destes três campos de jogos têm sido teatro de grandes acontecimentos do futebol internacional. Wembley é, desde há muito, o cenário obrigatório da final da Taça de Inglaterra, a mais famosa competição mundial. Highbury, o magnífico campo do Arsenal, tem «albergado» muitos jogos internacionais — com o 1.º Grã-Bretanha-Europa Continental na vanguarda.

Em Hampden Park, um campo que comporta 150 mil pessoas — três vezes a lotação normal do nosso Estádio Nacional — disputaram-se até agora alguns dos mais decisivos encontros do campeonato internacional britânico.

Pois Hampden Park vai servir de maravilhoso ambiente para o maior acontecimento do futebol mundial dos últimos tempos. E' ali que, em 10 de Maio de 1947 — dentro de dois meses — se travará luta entre a selecção da Grã-Bretanha e a do «Resto da Europa».

Este jogo reveste-se de excepcional importância. Não é um desafio banal. Excede, em todos os pontos, o desafio de 26 de Outubro de 1938 — dia em que, pela primeira vez nas mesmas condições, os britânicos mediram forças com os continentais. Jogo de receita para a F. I. F. A., proposto pelos próprios britânicos e imediatamente aceite pelo Sr. Rimet e companheiros, o 2.º Grã-Bretanha-Resto da Europa (designação sugerida pelo L. Stanley Rous, secretário geral da «Football Association» para permitir a possível inclusão no «team» de Irlandeses do Elre)

rodeia-se de um simbolismo que não pode ignorar-se. Assina, de maneira assaz retambada, a anulação do futebol mundial, o regresso do «filho pródigo» — a Grã-Bretanha — ao lar de onde há anos abalara — a F. I. F. A. Quebra-se, assim, de uma vez para sempre, o «esplêndido isolamento» dos britânicos. Já antes da guerra «atómica» se notara que os britânicos se aproximavam dos continentais. A guerra, estabelecendo uma frente única, com a Grã-Bretanha como campeã, fez o resto. E os britânicos voltaram de bom grado à «Federação Internacional de Football Association», aceitando ainda que à frente deste organismo continuasse a figura prestigiosa e simpática de Jules Rimet.

E' enorme, portanto, o significado do desafio. A Grã-Bretanha não procura um pretexto para impor uma supremacia que os factos começam a desmentir: visitas do Dynamo e do Norrköping, derrota da Inglaterra pela

— eleitos do desastre no campo do Bolton — não consentem mais gente. Estarão presentes 200 jornalistas, 100 dos quais britânicos. Cinco emissores de rádio e cinco empresas cinematográficas foram autorizadas a trabalhar em Hampden Park.

Entretanto, a F. I. F. A., assistida de delegados da Inglaterra Stanley Rous e da Escócia (Graham) prepara o jogo. A secretaria pedira às Federações lilladas da Europa — e todas o estão — que indicassem nomes de jogadores. Quando, recentemente, o Comité de Selecção se reuniu em Bruxelas, o Sr. Shrieker, secretário geral da F. I. F. A., tinha já consigo uma relação de... 50 nomes! E importa salientar que, entre eles, figuravam dois nomes bem portugueses: João Azevedo, do Sporting, e Rogério de Carvalho, do Benfica. Nem aqui os dois grandes clubes podiam deixar de aparecer como expressões máximas do desporto nacional...

Os seus nomes não estão no rol dos cinquenta por mero favor. Os portugueses, que no espaço de um ano viram jogar Bañon, Da Rui, Ballabio e Williams — da R. A. F. — todos guarda-redes famosos; Smith, Gainza, Ellington e Bickel, extremos-esquerdos de nomeada — e não falamos dos argentinos porque esses estão fora da enxada... — sabem que Azevedo e Rogério podem ombrear perfeitamente com eles. Sem favor, repetimos.

O Comité de Selecção reuniu-se já. Presentes os Srs. Seeldreyeres (belga), Lotsy (holandês), Valoušek (checo), Frederiksen (dinamarquês), assistidos dos Srs. Schrieker, Rous e Graham. Breve troca de impressões, fixação de um plano: concentração dos seleccionados em Amsterdão, no dia 3 de Maio, treino no dia 6, em Roterdão, com a equipa nacional da Holanda, partida para Glasgow.

No dia 24 do corrente, a seguir ao França-Portugal (a que assistirá) o Comité de Selecção formará a equipa. Depois será a vez do Sr. Rappan, um austríaco que treina a equipa nacional da Suíça, entrar em acção — estudando o plano do «team» do Resto da Europa. E, a avaliar pela tática seguida em Lisboa pela Suíça — o W M, implantado já em quase toda a Europa, será o sistema tático do «onze» europeu...

Quem jogará no sensacional desafio?

A Grã-Bretanha só em fins de Abril designará o seu grupo. Mas os nomes de Swilt, Hardwick, Brennan, Wright, Matthews, Lawton, Carter, Mannon, Kippax, um amador, andam no ar...

Do lado europeu nada transpira. Mas é de notar a coincidência entre as «selecções» tor-

madadas, a título de mero ensaio, por dois reputados jornalistas: o francês Jacques de Ryswick e o belga Jean Bertrand. Um e outro conhecedores do futebol europeu, que têm visto em actividade através de jogos internacionais.

Ambos escolhem o mesmo «keeper»: o francês Da Rui. Ambos se decidem pelo mesmo trio defensivo, com base no M: os italianos Maroso e Parola, este no «lecho», e o suíço Steffen. Coincidem, ainda, nos médios de ataque: o jugoslavo Technikowsky e o italiano Castigliano. Mas há duas discordâncias na avançada. De Ryswick e Bertrand indicam os mesmos interiores: o jugoslavo Mitich e o francês Ben Boreck. O mesmo extremo-esquerdo: o húngaro Nyers. Mas acertam, porém, nos outros lugares. O técnico francês indica o austríaco Melchior a extremo-direito; Bertrand vota por... Espírito Santo! (Está, infelizmente, um pouco atrasado sobre o futebol português...). O sueco Nordhal é o candidato de De Ryswick ao lugar de avançado-centro; o seu colega belga aponta o russo Fedotov.

Mais portugueses foram falados: Peyroteo e Feliciano, ambos pelo jornalista francês. Aponemos o facto como sintoma do nosso prestígio futebolístico.

O técnico sueco Harry Landahl, catorze vezes internacional, sugeria um nome: o do seu

Manuel Mota

(Continua na página 11)



Peyroteo, grande avançado-centro, de renome justificado, um dos pilares da selecção portuguesa

França... Não. A Grã-Bretanha pretende confraternizar, festejar o seu reatamento firme de relações com os países da Europa através da F. I. F. A. E só é pena, realmente, que dois países não tenham respondido às solicitações da Internacional indicando os nomes dos jogadores que poderiam ser escolhidos — Rússia e Jugoslávia. Perde-se, talvez, um pouco do objectivo do encontro. Desportivamente, porém, o Comité de Selecção não deve estar preocupado com a falta desses jogadores...

São muitos os pormenores que atestam a importância do desafio. Prevê-se uma assistência de 124 mil pessoas, porque as autoridades, por medida de segurança



Esírito Santo, um jogador de magníficas qualidades, com nome feito e reputação que dificilmente se abalará



Quaresma domina um adversário. A bola já seguiu o seu caminho, livre da oposição famalicense



Defesa oportuna de Sansão, a que se procura opor Teixeira da Silva

VITÓRIA EXPRESSIVA do Belenenses



Outra grande defesa do guarda-redes famalicense, com os punhos



todos os pormenores que se prendem à realização deste período de actividade internacional do hóquei em patins. Da mesma forma prepara atentamente a equipa que há-de representar o nosso país nesses próximos torneios — 17 a 25 de Maio.

Podemos encarar com confiança a representação de Portugal nos campeonatos. Garantem-no os êxitos anteriormente obtidos porque se segue, de uma maneira geral, a mesma orientação técnica que permitiu esses êxitos e porque continuamos a dispor de elementos. Além disso a categoria do seleccionador José Prazeres garante-nos trabalho acertado.

Portugal nos seus encontros com equipas estrangeiras de hóquei em patins tem alcançado sempre posições de merecido relevo. Em 1950 ingressamos na disputa do Campeonato da Europa. Era o quinto torneio e efectuou-se em Herne-Bay na Inglaterra. Não foi mau este primeiro contacto. Perdemos com a Inglaterra, empatamos com a Suíça, perdemos depois com a Alemanha, perdemos a seguir com a França e ganhamos à Bélgica.

No VI Campeonato fomos menos felizes, mas a modalidade no nosso país ia rodeando-se de melhor valor.

No VII Campeonato já obti-

vemos um 4.º lugar, no X da Europa e no I do Mundo subimos ao 3.º lugar deixando ficar para trás a Suíça, Alemanha, França, e Bélgica. Depois os nossos oquistas fixaram-se sempre nos 3.º e 4.º lugares da classificação.

Aos jogos do Campeonato da Europa estão ligados principalmente os nomes de 12 jogadores: Fernando Adrião, Oliverio Serpa, José Prazeres, Germano Magalhães, Sidónio Serpa, Jorge Evaristo, Alberto Mendes, Alvaro Lopes, José Carreira e Luiz Aquino — bom grupo de oquistas, mas que ao chegar o momento necessário da substituição de alguns deles viram os seus lugares ocupados por jogadores à altura das tradições honrosas da equipa nacional, como Cipriano Santos, António Bernardino, Jesus Correia, etc.

E a boa figura dos oquistas portugueses veio das suas exhibições nos Campeonatos da Europa e do Mundo para os torneios internacionais que se tem disputado em Montreux e dos jogos com nações estrangeiras.

Da mesma forma podemos esperar brilhante actuação dos oquistas portugueses nos jogos de Maio próximo. Os 47 jogos internacionais já disputados dão-nos categoria e confiança.

F. S.



A Federação Portuguesa de Patinagem pôs-se em contacto com a imprensa e a Rádio com vista aos Campeonatos da Europa e do Mundo. Fixamos um aspecto dessa reunião, em que o sr. capitão Santos Romão, presidente da F. P. de Patinagem, acompanhado pelo inspector de desportos dr. Ayala Botto, expôs a importância dos jogos

FINAL de jogo bem aproveitado...



O Porto está ao ataque. Correta segura a bola, rematada por Santos, enquanto Araujo se prepara para um spino. Armino e Baptista, observam o trabalho do seu guarda-redes



Lourenço, metendo no centro do terreno, e ante a surpresa dos adversários, aplica o pontapé fatal: — é o 2.º goal!



Baptista, com Armino a pouca distância, devolve uma bola que Catolino havia conduzido

Em MAIO próximo o VII

CAMPEONATO da EUROPA
III CAMPEONATO do MUNDO

e o Congresso Internacional de HÓQUEI EM PATINS

Em 1950 Portugal ia disputar o V Campeonato da Europa, falciando uma actividade internacional rodada sempre de muito prestígio. Gandêncio Costa, António Adão, Germano Magalhães, José Carlos Sousa, Fernando Adrião, José Prazeres, Leonel Costa e Vitor Lemos (seleccionador), constituíram esse primeiro grupo de representantes portugueses no hóquei em patins internacional

Portugal prepara-se para os Campeonatos do Mundo e da Europa de hóquei em patins que este ano tem para nós interesse especial pois que nos foi conferida a organização do Congresso Internacional.

Por certo o prestígio de que disfrutamos no estrangeiro nesta modalidade desportiva vai engrandecer-se e a Federação Portuguesa trabalha já com afinco em

a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

A atitude assumida pelo ministro do Interior inglês, anunciando que proibiria a prática dos desportos em dias de semana, produziu uma forte corrente antagonista da opinião pública.

Pergunta-se com azedume nos jornais até que grau deve o Estado intervir nas questões desportivas, se conduz algumas modalidades ao descalabro e à ruína sem os concomitantes benefícios sociais pretendidos.

A crise por que passa a população britânica no capítulo de insuficiência de combustível e mão de obra, com excessiva parcialidade pode atribuir-se aos divertimentos de carácter desportivo. É esta, pelo menos, a partitura que todos os jornais ingleses regem em unísono ao disculpir a ideia governamental em curso.

«Nada nos enfurece mais que sermos tratados como se não fossemos adultos, restringindo as nossas liberdades individuais a um termo inconcebível», disse determinado dirigente ao jornalista Quintino Gilbey.

Como se vê, o caso apresenta-se obtuso e agreste, mas é de crer que as coisas se componham depressa.

De facto, um dos pilares da mentalidade britânica é o bom-senso e o respeito pelas opiniões alheias. Se for demonstrado ao Governo a que ponto a opinião pública sente moléstia e desacordo pelo projecto, será o próprio ministro quem o anule, procurando outra solução.

«Combateamos durante duas guerras em 30 anos de vida. O país é composto de indivíduos capazes de gastar os dedos no trabalho para salvar a nação de uma crise, o caso é que ela exista e se demonstre», diz um articulista fazendo um voto de fé.

Realmente, a Inglaterra, desde longa data, encontrou no desporto a fonte de energias mais salutar com que pôde vencer a adversidade. Disse-o o próprio Wellington após Waterloo e Lord Balfour confirmou-o, em seguida a 1918.

Parece agora um tanto paradoxal que se coíbam os desportistas de fazer desporto quando lhes parece próprio, só porque algumas dúzias de cidadãos preferem a vadiagem ao trabalho e as fábricas careçam de operários.

R. B.

FUTEBOL

EM INGLATERRA

Sábado foi o pior dia de quantos tem havido na história do futebol britânico, por motivo das más condições atmosféricas. Ficaram adiados 27 desafios, o que eleva a 160 o total de jogos a efectuar durante as nove semanas que restam para o termo do campeonato.

Para complicar a tarefa dos dirigentes, surgiu o conflito entre o Governo e a opinião pública, por causa da supressão eventual de espectáculos desportivos nos dias de semana, em benefício da produção de combustível e de mão de obra.

Charlton, o semi-finalista da Taça, foi-se abaixo das pernas jogando na própria casa, perdendo ante Huddersfield (3-0), cujo trabalho maravilhoso a assistência. Pergunta-se, com razão, como é que os vencedores figuram na cauda da 1.ª Divisão. Os seus melhores jogadores foram o médio-centro, Hepplewhite, à defesa, e o famoso Peter Doherty, no ataque.

Charlton atacou mais vezes, mas foi o menos perigoso nos lances, sofrendo um único tento na pri-

meira parte, contra a corrente do jogo.

Chelsea, o inconstante clube londrino, perdeu no seu terreno por 4-1, em benefício de Blackpool. George Dick, o pequeno escocês, que joga pelos vencedores a extremo-esquerdo, marcou dois goals nos primeiros 8 minutos. Apesar do terreno, lamacento, se prestar ao waterpolo, Blackpool praticou excelente exibição, embora Chelsea lutasse com denodo.

O Middles e os Wolves empataram (1-1) no Ayresome Park. Harold Dobbie reapareceu no Middles, emparelhado com o conhecido Mannion, no lugar de interior.

Até quatro minutos do final o resultado de 1-1 esteve suspenso, mas Westcott (Wolves) conseguiu o empate. O médio-centro, Cullis, desmaiou em seguida ao apito do árbitro, com um forte traumatismo na cabeça, sendo hospitalizado.

O Manchester United venceu Aston Villa (2-1) e Liverpool ao Blackburn Rovers (2-1).

Se houvesse decisões por pontos, Aston Villa teria sido vencedor por larga margem, tal foi a

BOXE

A primeira queda de Billy Fox



Gus Lesnevich conserva o seu título de campeão dos «semi-pesados» derrotando Billy Fox, o negro de Filadélfia, por fora de combate técnico. Atingido duramente com um clássico «hook» do punho direito, Fox tombou de borco. Ergueu-se ao oitavo segundo, mas o adversário, puniu-o de seguida, indo ambos ao solo, o primeiro por efeito dos golpes e o segundo preso nos braços de Fox. Dada a condição de inferioridade do pretendente, o árbitro interveio e parou o combate a 41 segundos do fim de 10.º assello

NOS ESTADOS UNIDOS

Efectuaram-se na última semana dois combates importantes, o primeiro dos quais entre «Jersey Joe» Walcott e Elmer Ray, «O Violento», dois negros que aspiram a ser adversários de Joe Louis

excelência do trabalho dos seus jogadores.

A defesa de Manchester esteve, porém, dentro dos postes com grande felicidade e impediu a derrota, auxiliada pela má pontaria dos dianteiros rivais.

Liverpool ganhou, graças a Stubbins e Balmer, bem coadjuvados por Lidell e Fagan.

Stubbins, o brilhante rival de Lawton, em avançado-centro, produziu um rendimento magnífico, chutando ao goal de todas as maneiras, com grande eficiência.

Na 2.ª Divisão realizou-se o Derby londrino, ou seja o desafio entre os dois clubes Tottenham Hotspurs e Fulham (o Benfica e Sporting da grande metrópole inglesa...)

Acabou num empate (1-1), mas Tottenham teve azar, conservando as suas redes intactas até seis minutos do fim.

Os terrenos dos jogos, lamacentos e escorregadios, ajudaram a anarquia dos resultados.

O match, concertado para 12 assaltos, concluiu com a vitória de Walcott, desforrando-se brilhantemente da derrota propinada anteriormente pelo mesmo rival, no mês de Novembro de 1946.

É o primeiro fracasso sofrido por Ray depois de 51 vitórias ininterruptas. A luta esteve muito acesa, em particular durante o 3.º assalto, caindo Ray na lona por três vezes.

Como Walcott é um pugilista dos mais destacados, crê-se que seja o próximo adversário de Joe Louis, no mês de Junho. Julgamos, todavia, essa possibilidade muito aleatória, porque um campeonato mundial em que intervenham dois pugilistas de cor tem fracas probabilidades financeiras em Nova-York.

Conquanto Walcott possua excelentes resultados no seu cartaz —venceu, entre outros, Joe Baksi, em 1945 e pós a dormir Curtis Sheppard, de Baltimore— carece de magnetismo bastante para nivelar os seus méritos aos de Joe Louis.

Segundo declarou Sol Strauss, actuando na qualidade de empresário do Clube Desportivo do Século Vinte, arrendatário do Madison Square Garden, o campeão do Mundo lutará a 26 de Junho, no Estádio Yankee, contra um adversário a indicar.

ROBERT VILLEMMAIN

Novo campeão da Europa de boxe

Artigo de Pierre LORME

(Um exclusivo para «Stadium», do Serviço de Crônicas Extinfor)



Marcel Cerdan, o grande pugilista europeu, mostra a luva ao boxeur Harold Green, como que dizendo-lhe num sorriso: — «Se tivesses a minha força e destreza, serias campeão do Mundo...»

Quando, ao 9.º «assalto» do combate, o velho campeão britânico, Ernie Roderick, com a cabeça envolvida numa toalha para disfarçar o ferimento no sobrolho, fez sinal que renunciava a prosseguir o combate, Robert Villemmain manifestou viva alegria. Rindo e chorando, voltou-se para a assistência que o aclamava, com um gesto que significa: *Enfim! eis-me campeão da Europa!*

Este minuto de triunfo coroava uma carreira exemplar, assinada por vinte e três vitórias consecutivas, das quais seis foram obtidas antes do limite. A ovacão do público francês é compreensível: o título europeu de Villemmain na categoria «meio-médios» acrescentava-se aos de Medina na de pesos «coço» e no de Dricristo nos «leves». No dia seguinte, Cerdan juntava a esta lista o dos «médios», ou sejam quatro títulos em oito. Parece ainda que Ray Farnochon, na categoria «pluma», e Maurice Sandryon, na de «mosca», têm grandes possibilidades de trazer esses dois títulos europeus para França. Feliz sério!

Robert Villemmain tem 23 anos. Aos 16 estreava-se como amador. A sua classe insólita em breve o incitou a passar a profissional, onde as suas qualidades fizeram maravilhas e o levaram primeiro ao campeonato de França e depois ao cam-

peonato da Europa. Mas ele continuava fiel, desde os seus primeiros passos na carreira, a Jean Bretonnel, seu professor, seu «manager», guia e amigo, de quem ele avalia, com justiça, a parte que tomou na sua conquista dos títulos de campeão.

A sala Bretonnel abre-se em pleno coração do velho Paris, a dois passos da porta Saint-Denis, no último andar da antiga casa cinzenta. Uma luz fraca incide sobre os dois «rings» de treino, fixados no solo por grampos de ferro. Ali encontramos, a treinar-se, ao lado dos principiantes pugilistas cuja reputação está feita. Entre outros, oito campeões ou antigos campeões de França, dos quais os mais conhecidos são Assane Dlouf, Omar le Noir, Walter Momber.

Jean Bretonnel pertence ao «mundo do boxe» desde os 16 anos. Enquanto seu irmão, o saudoso Fred Bretonnel, acumulava êxitos que fizeram dele um campeão da Europa, ele dedicava-se muito jovem ainda ao professorado e à difícil profissão de «manager». Instalado desde há trinta anos na sua sala do Faubourg Saint-Denis, foi o mentor de toda uma geração de «boxeurs». Foi lá que, já lá vão sete anos, ele recebeu o jovem Robert Villemmain, ainda adolescente. Foi ele quem, melhor que o seu próprio pupilo — porque Robert Vil-

lemmain não é nada tagarela —, me contou a sua história.

— Robert nasceu em Paris, em 1924, filho de uma modesta família de operários. Ainda criança, apaixonou-se pelo boxe. Ele seguia com os olhos, à saída da célebre pequena sala do Central, os campeões mais ou menos autênticos, que tinham acesso ao «círculo encantado» do «ring».

«Aos dezesseis anos veio aqui aprender a boxar. As suas qualidades eram fáceis de descobrir. Os combates de amadores que ele disputou revelaram a sua flexibilidade, o seu vigor e, sobretudo, o desejo de aprender e de se aperfeiçoar. Foi-lhe necessário muito tempo e perseverança para se desembaraçar dos seus defeitos. Batia muito forte. Pode-se mesmo dizer que ele tinha o «punch», esse privilégio misterioso que dá a um pugilista o poder de tornar inofensivo, com um só soco bem colocado, o homem que se lhe opõe. Mas o seu ardor pouco disciplinado levava-o muito longe. Socava a torto e a direito, com força, e sem se preocupar com a precisão nem com a própria defesa.

«Cedo tive que lhe fazer compreender os perigos do seu processo. E desde logo aplicou-se a corrigir-se com uma vontade e uma perseverança muito raras, infelizmente, nos pugilistas principiantes.

— Tem outra profissão?

— É negociante de batatas nos mercados de Paris. Mas a sua assiduidade na sala não foi prejudicada pelo seu trabalho, como o seu trabalho não foi prejudicado pelas necessidades da preparação. Um rapaz sensato pode ter facilmente duas ocupações, tais como o comércio e o boxe.

— V. mudou inteiramente o seu processo. Dizem, no entanto, que, adquirindo estilo e precisão, Robert perdeu o poder do seu «punch». Dantes ele ganhava frequentemente os seus combates por «K. O.». Agora, ganha-os aos pontos.

— Isso é talvez um pouco verdadeiro. Mas o «punch» é uma qualidade inata, que não desaparece bruscamente. Robert, que sabe maravilhosamente combater, pode melhorar o seu poder de soco. Quanto ao seu dinamismo, V. pôde fazer uma ideia quando o via obrigar um «batido» no «ring» como Roderick, que conhece todas as subtilidades do jogo, a abandonar o combate. O «punch» voltará... Marquemos encontro para os seus próximos combates...

— ...Contra quem?

— Por enquanto nada de abso-

lutamente certo. Robert vai descansar alguns dias praticando desportos de inverno, antes de retomar o treino. Depois, veremos. Não é impossível que Robert defronte o inglês Arthur Danahar... depois o campeão de Itália, Angelo Peire. Mas, repito, nada é ainda definitivo. O que é certo, em compensação, é que Kid Marcel foi designado como «challenger» oficial para o título dos meio-médios e que Robert deverá dar-lhe a sua «chance» num prazo de três meses.

— Essa «chance», na sua opinião?

Jean Bretonnel limita-se a sorrir. Um sorriso que denuncia claramente a confiança no seu pupilo. Perganto-lhe então quais os seus projectos para um futuro menos próximo...

— Pois bem, quem sabe? Se tudo correr bem, talvez partamos um dia para os Estados Unidos. E' lá que se consagram os grandes campeões. Ali estaremos quase em família; meu pai reside desde há muito em Atlantic City...

Robert Villemmain não tomou, por assim dizer, parte na conversação. Nota-se que a sua modestia não se dá bem com os elogios do seu director, que acrescenta:

— O que o meu amigo pode dizer é que a vitória de Robert, e o seu título de campeão da Europa, encheram de contentamento todos os jovens da sala. E' um excelente camarada...

P. L.

Grã Bretanha - Resto da Europa

(Continuação da página 7)

compatriota Gren, «bola de ouro» do futebol saeco, desejado por Georges Allison, «manager» do Arsenal, e por Birrel, «manager» do Chelsea...

O Comité de Seleção dirá a última palavra. E, enquanto aguardamos, recordemos que em 26 de Outubro de 1938 a Grã-Bretanha venceu por 3-0, tendo a selecção do «Resto da Europa» alinhado da seguinte forma: Olivieri (Itália); Foni (Itália) e Rava (Itália); Kapler (Alemanha), Andreato (Itália), e Kitzinger (Alemanha); Aston (França), Braine (Bélgica), Piola (Itália), Szengel (Hungria) e Brastad (Noruega).

M. M.

AS TRÊS GRAÇAS

«Diga-me» publica o quadro estatístico da temporada de 1948 através de espirituosos comentários em que se advinha o bom humor do chefe da casa e dos seus simpáticos colaboradores. Começa por registar que Ortega actuou em 27 corridas e manteve o seu magistério, a sua posição cómoda, mas firme, e que «Manoletes» conquistado pelos dólares, abandona os pobres «aficionados» de Espanha, ainda que pense tourear algumas corridas para os autênticos pobres de Espanha, e que Arruza está cansado e com manifestos desejos de abandonar a profissão porque se exige muito dele, ainda que não deva esquecer que se exige em proporção ao que ganha. Depois diz que Luiz Miguel Dominguin está em plena forma, e empurra todos, cheio de faculdades e de saboria, mas que os toureiros castelhanos têm que fiar tudo aos seus próprios méritos porque caracem desses imponderáveis que estão reservados aos andaluzes. Dos toureiros de castela, acrescenta — não se pode falar de graça, mas sim de mão dura, de eficácia, de valor frio, menos lucido que cáldio, ainda que não menos estimável.

De Pepe Luiz Vazquez diz que deu um grande aqueço, referindo-se ao número de corridas toureadas porque nada lhe falta aprender e está na posse desse não sei quê que tanto atrai e subjuga, qualquer coisa tão saborosa e doce que cativa «saléros».

De Parrita diz que é um «Manoletes» tabelado, e que Pepin Martin Vazquez forma com Pepe Luiz e com Vito um triunvirato que se pode intitular «As três graças». Neles põe a mamã Natureza desenvoltura e centelha, inspiração, numa palavra. Tudo têm com eles e, com pouco que façam, triunfam. Pepin, acrescenta, manteve dignamente o seu posto destacado. E além, de tudo, é valente e descarado com os touros. Toureiro desde o berço, cheira a toureiro em três léguas ao redor.

Por aqui ficamos na transcrição de «Diga-me» porque é das três graças que nos queremos ocupar. E fazendo esta franca declaração, sem perda de admiração por «Manoletes», continuo coerente com a preferência sempre manifestada pelos toureiros andaluzes. Fiel à memória de Rafael e José, este pairando acima de tudo, vimos em «Chicuelo» o continuador do primeiro, se-

guido hoje por Pepe Luiz, Pepin e Vito.

A estas três vimos-os este ano em grandes tardes, sobretudo aos dois primeiros durante o mês de Setembro, em Madrid, cortando orelhas, como Vito as cortou noutras cidades espanholas. Aos três viram os portugueses na nossa terra, que é meio ver. Pepe Luiz deu a nota de arte na corrida de Vila Franca, e Pepin, na exposição e na feira de Santarém, também mostrou quem é ainda que sofrendo o complexo de inferioridade causada por uma arena pequena, encharcada numa das tardes, e pelo absurdo da lide em Portugal. Vito apresentou-se em Lisboa com uma mão fraturada, e toureou, a troco de perder depois uma série de corridas e, já matador de touros, não pôde terminar a temporada devido a uma colhida grave, da qual ainda está convalescendo.

Aos três, às «três graças», vamos ver, se Deus quiser, na feira de Sevilha de 1947. Alternação com eles além doutro andaluz, o castelhano Luiz Miguel, que há-de querer marcar, e Parrita, outro castelhano que também há-de querer marcar, este com Manoletes tabelado. Aconteça o que acontecer uma vez que não contamos os andaluzes como lutadores, antes lhe reconhecemos a indiferença abúlica dos árabes, nas «três graças» confiamos para o banho de graça e de arte que buscamos em Sevilha, e encontramos. Arte porque o toureiro, que surgiu do norte, de Navarra, só encontrou características de arte ao descer de Despeña Ferros para baixo, o que aliás é subir, escrevemos sempre.

Toureiros com arte, só os de Cardova e Sevilha, e das imediações, Gelves e Alcalá e, mais para baixo, de Jerez e de Los Puertos. Toureiros com arte aqueles Gallos, e antes Lagartijo e agora Manoletes e, depois de Chicuelo, as «três graças». De Madrid nem o senhor Vicente Pastor, que foi o melhor que vimos. Mania, andaluzismo? Talvez!

Aos que tal pensam, desde aqui convido a continuarmos a conversa este ano, pela primavera, em Sevilha, entre duas «cañitas» de Manzanilla ou de Jerez, na Venta de Antequera, a ver os touros que se lidarão na Feira.

E, depois, veremos em que ficamos...

«EL TERRIBLE PEREZ»



PRINCIPIOU

o Ciclismo



Principiou no último domingo a época velospédica, numa prova organizada pela A. C. Sul. Correram iniciados, veteranos, amadores e independentes, que se vêm pela seguinte ordem:

Em cima: Manuel Agostinho, do C. A. C. O., vencedor de iniciados; à esquerda: Serafim Paulo, triunfador em seniores; a seguir: os veteranos e os corredores amadores alinhados antes da partida; por último: João Lourenço e Custódio Reis, 1.º e 2.º independentes.





Sebastião, guarda-redes estorilense é arrojado. A bola, porém, nesta altura, pregou-lhe uma partida



Baptista! É um nome a fixar, tão ágil e seguro se mostra. Mota, do Estoril, está dominado



Defesa a soco de Baptista, perante o desespero de Mota



Laurenço verifica que não pode chegar a tempo. A bola está bem segura por Baptista

O VITÓRIA de Setúbal

GANHOU A BOM
ADVERSÁRIO



No Porto disputou-se o «corta-mato» nacional, para juniores. Eis a concorrente



Joaquim Branco, do Belenenses foi o vencedor do torneio de juniores. Foi medalhado, por isso, pelo sr. Afonso Salcedo, director da Federação



A equipa do Sporting, vencedora colectiva do campeonato

CAMPEONATO NACIONAL

*Corta de
mato*

MOSAICOS nortenhos...

CATOLINO jogou o avançado centro, contra o Boavista, e não bem que surpreendeu a própria crítica e os seus colegas de grupo. Mas não estamos de acordo com a afirmação de que «fora feita a experiência», avançado-centro. Nesse lugar tem jogado multíssimas vezes, e algumas no seu próprio clube. Nos Açores, na equipa formada por milhares, Catolino foi sempre avançado-centro. Respeira, portanto...

♦ CORREU nos jornais a notícia, e até foi transcrita: «que da crise do team do F. C. do Porto eram culpados técnicos e dirigentes...» Isto após o jogo Porto-Famalicão. Depois do Porto-Boavista — esqueceu-se o facto. Os técnicos e os dirigentes continuam a ser os mesmos, e não se percebe lá muito bem a coisa... Ou percebemos e não vale a pena falar no caso!

♦ NÚNCIO, confirmando uma notícia publicada nesta secção, há muitos meses, ingressou no F. C. do Porto. Por certo, Arnaldo Borges, o activo e conhecido chefe da secção do seu clube, lhe arranjará bons camaradas para uma equipa de 4x100, onde Manuel Nuncio revela melhor as suas admiráveis qualidades de «sprinter». O campeão do último torneio ibérico, realizado em Barcelona, precisa de companheiros para se entusiasmar.

E fizemos votos, já agora, pelas suas felicidades na Faculdade, onde o simpático e pequeno alentejano procura doutorar-se.

♦ O SEGUNDO do Porto teve um *desastre*. Acontece aos melhores. Tem acontecido ao F. C. do Porto, seu vencedor por números expressivos.

O que o Boavista necessita é de saber reagir, acutilando-se do futuro muitas vezes ingrato. De resto, a sua equipa tem valor, já suficientemente demonstrado em várias jornadas dentro e fora do seu campo.

Há muitos adversários com quem pode discutir os seus direitos.

♦ DISPUTOU-SE o *corta-mato* nacional de juniores, nesta cidade. Foi possível ver-se que os portuenses, a despeito do esforçado trabalho de um ou dois clubes, estão muito distantes de Lisboa. O melhor homem do Porto classificou-se em 12.º lugar, e por equipas a diferença de pontos foi extraordinária!

Bem se esforçou o Arnaldo Borges. Para quê? Ninguém o quis acompanhar...

♦ O VASCO DA GAMA jogou em Lisboa e ganhou ao Atlético por

Disciplina de ferro...

Não alarmou a decisão tomada pela Federação Portuguesa de Basquetebol, que castigou o F. C. do Porto com pena máxima: irradiação do campeonato de Portugal e «Taça de Honras», e ainda forçado a pagar despesas do jogo com o Belenenses, que não efectuou.

O próprio F. C. do Porto parece ter recebido a decisão federativa com o melhor dos sorrisos. Mas, por parte da crítica, já o caso não pode passar sem reparo.

Em breves palavras, diga-se que a F. P. B. B. não teve o mínimo de consideração pelo F. C. do Porto, para não dizer «pelo basquetebol da segunda cidade. O clube nortenho não podia exhibir-se na última quinta-feira. Havia jogado 48 horas antes e, além disso, uma equipa de basquetebol não é uma equipa de futebol.

E aqui está o ponto nevrálgico da questão. Em basquetebol, pelo menos de modo que se saiba, não existe profissionalismo.

Os praticantes, salvo raríssimas excepções, têm os seus empregos ou são académicos. Podem os clubes desviá-los das suas ocupações ou dos seus estudos? E pode a Federação, por seu turno, marcar jogos a meio da semana sem atender a obrigações, sem considerar estas «pequenas» coisas?

A eliminação do F. C. do Porto, feita logo após a sua falta, indica-nos que não se ponderou um só dos motivos provocadores da ausência dos nortenhos. Rigorismo total, sem tomar em conta motivos que poderiam atenuar a acção federativa.

O F. C. do Porto, para jogar em Lisboa na quinta-feira à noite, teria de forçar os seus jogadores a perder dois dias: — quinta-feira e sexta-feira. E' isso justo, tratando-se de um desporto amador?

Impor autoridade, «eliminar», pura e simplesmente, é muito bonito, muito autoritário, mas... santo Deus! — muito exorbitante. O basquetebol será prejudicadíssimo, principalmente no Porto. Fica o Vasco da Gama só, e fica o público a comentar desagradavelmente a decisão, por ingrata para o seu principal clube. O resto já não importa. O F. C. do Porto cumprirá a pena da Federação, e esta vai continuar com o seu campeonato. O F. C. do Porto não o valorizaria muito, talvez, mas o seu passado e a sua «razão especial» no caso presente deveriam merecer alguma eslima.

Como assim não aconteceu — passemos adiante.

10 pontos de vantagem. Mas... teve pouca sorte, segundo parece. Os lisboetas protestaram o encontro, por desleixo técnico do árbitro, e não se sabe o que acontecerá, nesta altura.

Não há dúvida: — os grupos portuenses foram mal olhados. Ao F. C. do Porto «airram com ele fora», sem mais contempções. O Vasco da Gama ganha expressivamente, mas sofrerá as consequências de um protesto...

♦ OS JUNIORES do F. C. do Porto, em futebol, comandam a sua série, considerada forte pela presença do Leixões, que possui sempre boas categorias inferiores. E bom team de honra, a avaliar pelos 30-0 que deu ao Paredes. Um tento de 3 em 3 minutos... Livre!

Os rapazes da simpática terra do Araújo até tiveram vergonha, com certeza, de contar como aquilo foi...

♦ DIZ-SE que o F. C. do Porto não vai reagir contra a decisão federativa que o elminou no basquetebol. Antes quer esperar pelo sucesso do campeonato da modalidade. Achamos que faz muito bem. Algumas imposições de disciplina só dão para a gente sorrir...

♦ AINDA não tomou posse, oficialmente, a nova direcção do Salgueiros. Surgiu qualquer arlito, sem culpa para o popular colectividade.

Mas oxalá volte a paz aos espíritos. O Salgueiros bem precisa de arrumar a casa, tratando de muitas coisas que lhe importam. O presidente eleito, dr. Araújo Barros, é uma figura digna do melhor apolo, por critério e inteligente. Logo, consinta-se que tome o comando dos encarnados portuenses — que são estigmatizados pelo público e pela crítica.

De resto, bem sacrificados foram já com a saída dos seus melhores valores para Elvas. E' preciso amparar o Salgueiros!

♦ DIAS SANTOS ganhou a primeira prova de *independentes* do Porto. Pouca concorrência em todas as categorias. Porém, sabemos que Dias Santos, continuando no F. C. do Porto sem exigências, está bem preparado para este época. Pensou, primeiro, dedicar-se ao *corta-mato*, em ciclismo, e talvez esse propósito o tenha treinado.

Vai por certo contar-se com Dias Santos, o risonho rapaz do conceito de Gondomar.

♦ CONTA-SE no Porto que Driis e Dillalli, ex-Iluminantes, virão para o Porto, a fim de ingressarem no Académico. Parece-nos grande boato. Os marroquinos, segundo se afirma, alinharão em França e não se mostram dispostos a voltar ao nosso país...

Devemos seguir a campanha. A cidade do Porto não tem visto encontros internacionais de futebol, alegando-se que não temos campos capazes de albergar os milhares de espectadores que costumam assistir aos grandes jogos. O Lima, em verdade, sendo o nosso melhor terreno, só com adaptações serviria para o efeito.

Mas — ao menos o Portugal-Espanha em atletismo. Um camarada nosso já abriu fogo — passe o termo. Mas ainda se não disse qualquer palavra que nos leve a supor que a Federação Portuguesa de Atletismo acolherá o pedido com simpatia.

Os portuenses gostam do atletismo puro. Nos campeonatos nacionais e regionais, nunca as bancadas do Lima deixam de encher-se, e nunca os amadores da modalidade faltam á chamada.

Em tempos passados admiráveis atletas defenderam clubes do Porto e de Portugal: Prata de Lima, José e Fernando, A. Jildo Dias, Karel Pott, Alberto Ferreira, Retamba, Manuel Oliveira — e muitos mais. Depois, por ausência de apoio, o atletismo portuense perdeu-se.

Julgamos, entretanto, que a F. P. A. pode contrair agora, e com segurança, para o progresso do atletismo desporto. Progressando aos nortenhos uma paga de categoria internacional, entusiasmará as assistências, os clubes e os próprios praticantes. A campanha é oportuna e aplaudimo-la com o entusiasmo que merece. E quando se pensar no aspecto financeiro da jornada, não deve haver qualquer dúvida sobre o seu êxito. O Lima encher-se-ia, porque os bons espectáculos desportivos agradam e o atletismo tem nesta cidade milhares de adeptos.

Porque não, por isso, o Portugal-Espanha no Porto? Lisboa tem visto o que ha de melhor e mais emotivo. Uma jornada desta categoria era aceita por todos que por cá fazem o possível por compreender as situações delicadas.

O Porto precisa de entusiasmo, necessita de vibrar — e vibrará se os federativos quiserem. E mais tarde poderão colher-se os benefícios desta prova de consideração!

Ano V — II Série — N.º 224
Lisboa, 19 de Março de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, -3.º
Telefone, 45903 - LISBOA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA
Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRÁVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Internacional e Intendente

Guilherme Patroni e Pereira Bastos

são campeões da I e II Divisões da A. T. M. L.

em evidência no torneio do Algués

Já nos referimos na nossa revista à maneira como decorrerá o campeonato da Divisão de Honra da A. T. M. L. Cabe-nos hoje falar das Divisões secundárias, comportando, como a principal, seis clubes, entre os quais o equilíbrio de valores é mais notório, tornando, por isso, as respectivas competições mais animadas do que a da Divisão de Honra.

Mais claramente, até, do que nas épocas anteriores, sucedeu assim em 1946-1947. E a atestá-lo estão os seguintes factos: nenhum dos vencedores dos torneios chegou ao fim invencível; as diferenças de pontos dos concorrentes que os seguem são mínimas.

O Internacional é o campeão da I Divisão. Vitória justa e recompensa merecida para o trabalho de algumas épocas. O velho C. I. F. é um dos poucos clubes que procura descobrir gente para as suas equipas. A sua dedicação e persistência foram desta vez premiadas.

Em dez jogos — oito vitórias, Batidos na primeira volta pelo Arroios e pelo Liberdade, os «internacionalistas» levaram a segunda volta de vencida. António Andrade foi o seu melhor elemento, mas Manuel de Casiro e Vasconcelos e Sá foram excelentes contribuintes para a conquista do título.

Em segundo lugar ficaram empatados o Arroios e o Monte Pedral. São duas boas equipas, a quem não ficaria mal o título. A primeira chegou a dar a impressão de que viria a triunfar — ama primeira volta sem derrotas. Depois decalca. Qualquer dos seus elementos — Machado, Peixeiro ou Torres — foi de impressionante irregularidade, acontecendo nunca se saber qual deles viria a ser o melhor.

A equipa do Monte Pedral foi mais igual de princípio a fim da competição. Mais igual e mais homogênea. Feliciano Valentim, M. Monteiro e José Cabrita nunca deram, porém, o seu melhor rendimento e daí alguns fracassos. Se a equipa tivesse começado melhor...

O Vitória é uma equipa de surpresas. E ganhando aos melhores e perdendo com os piores lá vai todos os anos conquistando um lugar intermediário na classificação.

O Liberdade foi pouco afortunado. Houve encontros em que esteve à beira de triunfar, sem que, a verificar-se tal facto, isso constituísse surpresa. Não é bem o seu quinto lugar que reflecte a sua pouca sorte. É a diferença de pontuação, que reflecte uma inferioridade inexistente.

O Campo de Ourique ainda este ano não venceu a crise que o avassala desde há tempos, devendo, no entanto, anotar-se

o desportivismo dos seus jogadores.

Classificação: 1.º Internacional, 26 pontos; 2.º Arroios e Monte Pedral, 24 pontos; 4.º Vitória, 20 pontos; 5.º Liberdade, 16 pontos; 6.º Campo de Ourique, 9 pontos.

Na segunda Divisão, o título só se decidia após desempate. O Intendente ganhou o jogo extraordinário com o seu quê de surpresa, acabando por confirmar o favoritismo que se lhe concedia no começo do campeonato.

O Mirantense excedeu as previsões mais optimistas e, inconteavelmente, foi bom segundo, com a honraria de ter infligido ao campeão as duas únicas derrotas que ele sentia.

O Amoreiras começou muito bem e chegou a meio da prova em igualdade com o Intendente. Mas, logo que foi batido na sua mesa, decalca sensivelmente.

O Sporting Clube da Penha teve actuação algo irregular. O Alano do Apolo tardou a revelar as suas reais possibilidades e o Lisbonense, vindo da Promoção, não se mostrou nunca capaz de grandes cometimentos.

Classificação: 1.º Intendente, 26 pontos; 2.º Mirantense, 26; 3.º Amoreiras e Penha, 20; 5.º A. de Apolo, 16; 6.º Lisbonense, 12 pontos.

Diamantino Dias

O principal objectivo

Ouvimos há dias dizer a um dirigente ilustre de uma não menos ilustre colectividade lisboeta, que o principal objectivo dos esforços do seu clube era o futebol, pois por causa desse jogo contava a agremiação com 99% dos seus associados. A conversa não era connosco e, por tal motivo, não quisemos intervir, mas pensamos, ali muito à puridade, que o insigne dirigente nem sequer conhecia a lei em que vive na organização desportiva.

O principal objectivo dos clubes desportivos portugueses é a educação física metódica dos seus associados, preparando-os por seu intermédio para a prática dos jogos e desportos de competição. Obrigatoriamente, porque assim o determina uma lei do país, o primeiro dever funcional de qualquer organismo desportivo é a instalação de um ginásio e a criação de cursos de ginástica para os desportistas praticantes. E só podem praticar, ser inscritos em competições,

Não é a primeira vez que abordamos o tema nestas colunas. E se hoje a ele voltamos, é porque o consideramos de tal maneira importante para a nação lusitana que nunca será nem descaído, nem ocioso, trazê-lo mais uma vez a lume.

Referimo-nos às características de que se irá revestir a próxima época de natação, sobrecarregada com dois acontecimentos internacionais, de carácterísticas e interesse bem diferentes, é certo, mas ambos dignos da nossa melhor atenção, e para os quais nos devemos preparar com o cuidado e antecedência necessários, a fim de evitar possíveis dissabores. Reportamo-nos, como o leitor possivelmente já calculou, ao Portugal-Espanha — o quinto de uma série iniciada em 1926 — e, muito especialmente aos campeonatos europeus, a realizar em Setembro próximo, no principado de Mônaco.

Quanto ao encontro peninsular, em que nunca tivemos o prazer de saborear a vitória e, muito principalmente porque, este ano, cabe à nossa Federação a organização do torneio, certamente que não quereremos fazer má figura. Para mais, este ano não pode haver as desculpas de deslocação às Canárias, e começava a tornar-se trabalhoso — e um tanto ridículo — ter que arranjar em cada ano uma desculpa...

Quanto aos campeonatos europeus, ocioso se torna frisar, tanto

a sua importância, como a necessidade de uma representação nacional condigna.

A um mês da inauguração da piscina de verão do Sport Algués e Dáfundo, oportuno nos parece lembrar, mais uma vez, as pesadas responsabilidades que os dirigentes da modalidade têm sobre os seus ombros. E talvez seja o momento oportuno para se elaborar um largo plano de trabalhos que tivesse o seu início nos primeiros dias de Abril, visando uma preparação séria, metódica e regular dos nadadores portugueses. É que no momento oportuno nada se lhes poderá exigir se não lhes tiverem sido dadas condições de trabalho.

O festival do S. A. D.

Vem este inrôito a propósito das provas realizadas pelo Sport Algués e Dáfundo, na sua pequena mas utilíssima piscina «Eduarda Portugal», uma jornada mais, a juntar a tantas outras, em que a boa vontade manifestada pelo grande baluarte da natação lusitana mais uma vez esteve em evidência.

Não há, nestas provas disputadas com vista ao já tradicional «Torneio da Primavera», um profundo intuito de competição, uma preocupação exagerada de obter «tempo». Mas há um propósito firme de movimentação de nadadores, que muito nos agrada pôr em relevo. Um contacto com a água, absolutamente indispensável para quem queira, chegada a época de Verão, intensificar o treino com vista às provas oficiais e de campeonato.

Nas provas de domingo último, há, de novo, a salientar o magnífico «tempo» de Guilherme Patroni, na prova de 100 metros-livres — 1 m. 03,8 s., a atestar a excelente «forma» do jovem «sprinter». Atrás dele, o esperançoso Jaime Ferreira Moniz fez, também, demonstração meritória.

A prova de 100 metros-costas tinha vencedor prévio... Pereira Bastos correu normalmente, sem adversário à ilharga.

A simpática Maria Luisa Malheiro da Silva, hoje a melhor esperança da natação feminina, averbou duas excelentes vitórias, nos 50 metros-livres (40,4 s.) e nos 50 metros-costas (48 s.).

Abreu Torres

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Pagamento adiantado

| | |
|---------------------|---------|
| Custo por número... | 2\$50 |
| 3 meses, Esc. | 32\$50 |
| 6 » » | 65\$00 |
| 2 » » | 130\$00 |

O BOAVISTA dificultou a vitória do BENFICA



Um remate de Julinho. Mas a bola não chegou às redes



Defesa arrojada de Pinto Machado, aos pés de Lusitã. Jacinto está entre os dois



Dois homens do Benfica saltam à mesma bola: Felix e Fernandes. A defesa lisboeta impõe-se

EM COIMBRA



Cabrita dominará a bola com a cabeça. Márto Reis não chegará a tempo

EM ELVAS



Semedo, guarda-rede elvense, rápido a sair das balizas, prepara-se para defender uma bola alta

DUAS COLECTIVIDADES EM FESTA



Um aspecto da festa comemorativa do 12.º aniversário do Clube Desportivo da Graça. Na presidência vê-se o sr. dr. Gonçalves Rosa, representante do sr. Governador Civil



Temos um grande clube em festa! O Ginásio Clube Português comemora o seu 72.º aniversário. O 1.º número do seu programa: um almoço de confraternização